



## Riscos e rabiscos

### Os efeitos de sentido do discurso pornográfico e a construção de *ethé* discursivos

**Luis Henrique Ferreira da Silva**

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Brasil  
orcid.org/0000-0002-5613-7888

**Sandro Luís da Silva**

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Brasil  
orcid.org/0000-0001-9495-0995

A interação entre os sujeitos ocorre de variadas formas, seja impressa, seja virtual. Este artigo objetiva apresentar a análise da constituição de *ethé* discursivos de um exemplo de grafito pornográfico - *corpus* da pesquisa - fotografado em um banheiro universitário da EFLCH/UNIFESP (Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade Federal de São Paulo) – *campus* Guarulhos. A investigação justifica-se por dois motivos principais: 1) os grafitos pornográficos são utilizados como formas de expressão de relevância social, sobretudo por refletir o discurso de minorias excluídas socialmente; 2) os enunciados apresentam uma simbiose de linguagem, apresentando a multimodalidade (elemento recorrente em diferentes gêneros de discurso da sociedade moderna). Neste trabalho, recorreremos, principalmente, a Maingueneau (2008; 2016; 2020), para os estudos referentes aos *ethé* discursivos, ao discurso pornográfico, e, ainda, à cenografia. Utilizamos os pressupostos de Krieg-Planque (2010), no que tange as fórmulas discursivas, e Dionisio (2014), no tocante à multimodalidade.

**Palavras-chave:** *Ethé* discursivos. Grafito pornográfico. Discurso pornográfico. Cenografia.

## Riesgos y garabatos

### Los efectos de significado del discurso pornográfico y la construcción de *ethé* discursivos

Este artículo tiene como objetivo presentar el análisis de la constitución del *ethé* discursivos de un ejemplo de graffiti pornográfico - *corpus* de investigación - fotografiados en los baños universitarios de tres espacios distintos de la EFLCH/UNIFESP (Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade Federal de São Paulo) - *campus* de Guarulhos. La investigación se justifica por dos razones principales: 1) los graffitis pornográficos se utilizan como formas de expresión de relevancia social, especialmente para reflejar el discurso de las minorías socialmente excluidas; 2) los ejemplos presentan una simbiosis del lenguaje, con la multimodalidad (un elemento recorrente en diferentes géneros del discurso en la sociedad). En este trabajo, recurrimos a Maingueneau (2008; 2016; 2020), por los estudios relativos al *ethé* discursivos, al discurso pornográfico y, también, a la escenografía. Utilizamos los supuestos de Krieg-Planque (2010), en cuanto a las fórmulas discursivas, y de Dionisio (2014), en cuanto a la multimodalidad.

**Palabras clave:** *ethé* discursivos. graffiti pornográfico. discurso pornográfico. escenografía.

## Risks and doodles

### The sense effects of pornographic discourse and the constitution of *ethé* discursives

The interaction between the subjects occurs in different ways, whether printed or virtual. This article aims to present the analysis of the constitution of discursive *ethé* of an example of pornographic graffiti - *corpus* of the research - photographed in university bathrooms of three distinct spaces of EFLCH/UNIFESP (Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade Federal de São Paulo) - Guarulhos *campus*. The investigation is justified for two main reasons: 1) pornographic graffiti is used as a form of expression of social relevance, especially for reflecting the discourse of socially excluded minorities; 2) the examples present a symbiosis of language, presenting multimodality (a recurrent element in different genres of discourse in modern society). In this work, we mainly resort to Maingueneau (2008; 2016; 2020), for the studies referring to discursive *ethé*, pornographic discourse, and, also, scenography. We use the assumptions of Krieg-Planque (2010), regarding discursive formulas, and Dionisio (2014), regarding multimodality.

**Keywords:** *ethé* discursives. pornographic graffiti. pornographic discourse. scenography.

## Primeiras palavras

A Análise do Discurso (AD) ganhou cada vez mais notoriedade na esfera acadêmica e tornou-se uma abordagem teórica de muitas pesquisas em diversas áreas do conhecimento humano. É possível que se encontrem diferentes abordagens para o estudo dos discursos pedagógico, jurídico, político, religioso, dentre outros, mas, infelizmente, o número de pesquisas que utilizam o discurso pornográfico como tema principal é pequeno. Por ser um discurso presente nas diferentes relações sociais e possuir um impacto na sociedade, fazem-se necessários estudos voltados para esse tipo de discurso.

O discurso, segundo Maingueneau (2011), possui algumas características, dentre as quais se pode citar: uma organização situada para além da frase; orientado; uma forma de ação; interativo; contextualizado, regido por regras e é considerado no bojo de um interdiscurso, além de assumido por um sujeito. Por meio dele – do discurso – os sujeitos interagem. Entende-se por interatividade “a possibilidade de uma conjunção complexa, em que se estabelece um diálogo de multiplicidade de formações discursivas” (SILVA, 2010, p. 34).

A interação entre os sujeitos acontece de diferentes maneiras, e, ainda, há de se considerar o suporte por meio do qual ela ocorre: virtual ou impresso. Em relação à interação impressa, podemos citar o *grafito pornográfico* de banheiros universitários com o qual trabalhamos neste texto. *A priori*, analisamos apenas um grafito fotografado no banheiro da EFLCH/UNIFESP (Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade Federal de São Paulo) – *campus* Guarulhos.

Os *enunciados pornográficos* são recorrentes e ao longo dos anos ganharam diferentes *modos* de formatação e produção. A escassez de pesquisas que abrangem este tema é reflexo do tratamento oferecido pela sociedade e academia ao discurso em evidência, dado o caráter conservador de ambas: considerado muitas vezes como uma interação social inferior e marginal. Em uma rápida busca na internet, mais especificamente no portal da CAPES/Periódicos<sup>1</sup>, o termo “discurso pornográfico” é resultado de apenas 186 temas das pesquisas nacionais. Enquanto outros termos do mesmo grupo de estudo possuem maior observância e recorrência, como “discurso pedagógico” (4.668), “discurso religioso” (6.631), “discurso jurídico” (7.596) e “discurso político” (27.342). Estes dados são provas incontestáveis de que o discurso pornográfico existe e poderia ser objeto de análise para muitos pesquisadores; é um

---

<sup>1</sup> Busca simples na internet efetuada no dia 20 de dezembro de 2020, às 20h05, em [http://www-periodicos-capes.gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/](http://www-periodicos-capes.gov.br.ezl.periodicos.capes.gov.br/)

tema relevante e apresenta resultados expressivos que interessam a compreensão do pensamento universitário e social. Por mais que a academia e a sociedade evitem o tema pornográfico, este pode se tornar um terreno fértil para futuras discussões e projetos inovadores na área dos estudos discursivos.

Com base nos últimos dados apresentados, é indiscutível a presença do discurso pornográfico nas mais diversas esferas sociais. O discurso em evidência possui certa frequência de produção, principalmente no espaço acadêmico-universitário (levando em consideração a quantidade de enunciados que é possível encontrar nos respectivos boxes – compartimentos que separam o sanitário do restante do banheiro –, azulejos, nas portas e paredes).

Objetivando delimitar os enunciados que optamos por analisar, fotografamos aqueles que possuem conotações sexuais ou pornográficas explícitas, categorizamos eles ora como “grafitos pornográficos”, ora como “enunciados pornográficos”.

Devido ao respaldo teórico do professor e pesquisador francês Dominique Maingueneau, por meio da obra *O Discurso Pornográfico* (2010), relacionamos os textos pornográficos com a chamada paraliteratura, entendendo-a como “[...] uma produção em série que visa provocar no leitor um efeito previamente determinado, permitindo-lhe fugir por um momento para um universo paralelo” (MAINGUENEAU, 2010, p. 15).

As finalidades que o enunciador tem diante da produção dos enunciados são diversas, mesmo levando em consideração o local de suas produções (a parede do banheiro de uma universidade pública). Portanto, não cabe ao enunciador ofertar margem à exclusividade de uma ou outra enunciação. Os enunciados a serem analisados não podem ser considerados como obstantes de finalidade única, uma vez que quem atribui uma intenção pornográfica é o coenunciador. Como explica Maingueneau:

Quanto ao esclarecimento “seja qual for a intenção do criador”, ele evoca o papel essencial desempenhado pelo leitor. Na maior parte do tempo, os autores de textos pornográficos escrevem no interior de um circuito especializado, não podendo, portanto, ignorar a intenção pornográfica vinculada a um texto que muito frequentemente é anônimo, impresso clandestinamente e difundido dissimuladamente (MAINGUENEAU, 2010, p. 16).

Neste artigo, analisamos dois enunciados fotografados na parede de um banheiro universitário masculino da EFLCH. O objetivo principal é verificar as apresentações dos diferentes efeitos de sentidos possíveis nos enunciados pornográficos e, a partir dessa análise, o objetivo específico é identificar a construção

de *ethé* discursivos (MAINGUENEAU, 2020) dos sujeitos enunciadoreis. Utilizamos como categorias de análise os conceitos de multimodalidade (DIONISIO, 2014), cenografia (MAINGUENEAU, 2015) e fórmulas discursivas (KRIEG-PLANQUE, 2010).

A escolha do objeto de análise justifica-se por vários motivos, dentre os quais podemos elencar alguns: 1) os grafitos pornográficos, bem como as pichações, são utilizados como formas de expressão de relevância social, sobretudo por refletir, muitas vezes, o discurso de minorias excluídas socialmente; 2) o exemplo escolhido apresenta uma simbiose de linguagem, como também a multimodalidade (elemento recorrente em diferentes gêneros de discurso da sociedade moderna) e características próprias do gênero grafito, como constataremos em breve, por meio da cena de enunciação (MAINGUENEAU, 2015).

Feitas essas considerações iniciais, para alcançar os objetivos propostos, dividimos este artigo em três seções: na primeira, caracterizamos com mais profundidade o exemplo a ser analisado, bem como as tensões de relevância social e os alicerces teóricos que o determina: valemo-nos da multimodalidade (DIONISIO, 2014), da cenografia (MAINGUENEAU, 2015) e das fórmulas discursivas (KRIEG-PLANQUE, 2010). Em seguida, na segunda seção, apresentamos as tensões do conceito de *ethos* (*ethé*) discursivo(s) (MAINGUENEAU, 2008; 2016; 2020). Prosseguindo, na terceira e última seção, analisamos o exemplo escolhido, seguido das considerações finais e referências.

### **1 Um pouco sobre multimodalidade, cenografia e fórmulas discursivas em grafitos pornográficos**

Os grafitos em banheiros de universidade pública podem ser comparados às pichações, pois, tal qual as pichações, eles são expressões gráficas pintadas nas paredes de banheiros por meio de palavras e/ou imagens. Tanto um quanto outro são considerados e utilizados como forma de expressão [artística] de grupos marginalizados da sociedade. Os grafitos são produzidos por diferentes enunciadoreis que frequentam os banheiros universitários; esses tendem a ser estudantes, professores, visitantes ou funcionários.

No que se refere às produções pornográficas, Maingueneau (2010) estabelece uma distinção entre dispositivo pornográfico (compartilhado pelo conjunto das práticas semióticas pornográficas) e escrita pornográfica (reservada à representação mediante signos verbais que formam textos). A proposta de distinguir sequências pornográficas e obras pornográficas baseia-se no pressuposto de que as sequências pornográficas são caminhos que os escritos podem seguir, mas que não fazem da

obra em si essencialmente pornográfica. De qualquer modo, essa divisão pode ser reconsiderada em alguns casos que ela não suporta explicar todas as representações “[...] determinados textos lhe escapam” (MAINGUENEAU, 2010, p. 17).

Para o estudioso francês, utilizar-se do discurso pornográfico é altamente problemático, sobretudo numa sociedade conservadora, o que, muitas vezes, faz com que ele seja considerado uma atitude marginal. A conservação da moral e dos bons costumes são suscitadas pelo pesquisador, quando evidencia a hipótese de que a pornografia seja radicalmente transgressiva. Logo, a sociedade detém um controle sobre o que não é e o que é visto, assistido e (re)produzido, se de fato existir esta última possibilidade. Nas palavras do autor,

Ao distinguir de maneira mais ou menos precisa o que pode e o que não pode ser mostrado em sociedade e o que não pode aparecer, os bons costumes circunscrevem, num só movimento, o espaço do pornográfico: o pornográfico dá-se o direito de mostrar tudo, mas esse “tudo” é na realidade tudo aquilo que não deve ser mostrado (MAINGUENEAU, 2010, p. 39-40).

Para Moraes (2015, p. 27), a escrita erótica perpassa o que é compreendido por mera “representação da sexualidade”; no momento que o escritor erótico direciona a produção a uma estilização, ele fica livre para transformar o sexo em um observatório a partir do qual se pode contemplar qualquer prisma do universo, incluindo o que está aquém ou além do próprio sexo.

Nesse sentido, evidencia-se a compreensão textual, também, por meio do conceito de multimodalidade, compreendida como um “traço constitutivo dos gêneros” (DIONISIO, 2014, p. 42). O texto pode apresentar diversos modos, como: imagens, linhas, desenhos, cores, tamanhos, ângulos, efeitos visuais, entre outros. Para Angela Paiva Dionisio (2014), a realização dos modos apenas é possível por meio do texto. A pesquisadora defende que, para um signo ser considerado multimodal e proporcionar diferentes efeitos de sentidos, é necessário relacioná-lo e compreender as articulações com outros modos:

O que faz com que um modo seja multimodal são as combinações com outros modos para criar sentidos. Ou seja, o que faz com que um signo seja multimodal são as escolhas e as possibilidades de arranjos estabelecidas com outros signos que fazemos para criar sentidos, com os mesmos, quais as articulações criadas por eles em suas produções textuais (DIONISIO, 2014, p. 42).

Valer-se da multimodalidade para embasar a análise do corpus deste artigo é considerar alguns aspectos, como: posição, cor, letras, ortografia, suporte. Uma das tarefas da multimodalidade, segundo a pesquisadora, é descrever os potenciais e as limitações de sentidos que são inerentes em formatos diferentes. Em detrimento dos

registros do corpus deste artigo, utilizamos o registro mediado por fotografias. Registre-se que Maingueneau (2015) considera todo texto multimodal. Segundo o autor:

Mesmo a imprensa escrita tradicional é obrigada a privilegiar a encenação, o visual, produzindo diagramações baseadas no fenômeno da hiperestrutura [...], fazendo explodir um texto em diversos textos menores, de modo a formar uma espécie de mosaico de módulos heterogêneos, dispostos sobre uma página dupla (MAINGUENEAU, 2015, p. 160).

Todo e qualquer texto é multimodal. O importante é verificar como essa multimodalidade se faz presente e quais os possíveis efeitos de sentido que ela possibilita no discurso existente no texto. No caso deste artigo, a multimodalidade é analisada como um dos recursos presentes nos textos que constituem os enunciados, a fim de evidenciar como um dos recursos que leva à constituição dos *ethé* discursivos dos sujeitos enunciadorees.

Antes de se aventurar na profundidade e complexidade do conceito de *ethé* discursivos, apresentamos o conceito de cenografia, que consiste no modo como o gênero é apresentado. Segundo Maingueneau (2015), a cenografia se baseia no método em que o enunciador organiza a situação, por meio da enunciação, que se pretende proferir. Para ser legitimado, todo discurso que possui o objetivo de ser aderido pelos coenunciadores precisa instaurar a cenografia.

Ao contrário da noção de cenário [ou contexto], a cenografia legitima o enunciado e o reverso é verdadeiro. Uma das tarefas efetivas que um locutor precisa cumprir, segundo o pesquisador, é justificar por meio de seu enunciado o quadro de enunciação, ou seja, apresentar as características que permitem a apreensão dessa ou daquela cenografia.

Há tipos recorrentes em que a cenografia se apresenta; Maingueneau (2015) propõe duas modalidades distintas: endógena (mais engessada, pois não superpõe outra cena genérica) e exógena (resulta na importação de outra cena genérica e ajuda a entender alguns gêneros que se apropriam de outros estilos, lugares e cenas). No caso do exemplo analisado neste artigo, a hipótese principal é de que ele mantém características de produção a partir da situação organizada da modalidade cenográfica exógena.

Uma outra categoria relevante para a análise é o conceito de fórmulas discursivas, proposto por Krieg-Planque (2010, p. 9), que a define como “um conjunto de formulações que, pelo fato de serem empregadas em um momento e em um espaço público dados, cristalizam questões políticas e sociais [...]”. Para versar sobre

este conceito é preciso suscitar as quatro características ou propriedades fundamentais às fórmulas discursivas, que são elas: 1) possui uma forma cristalizada, 2) a sua inscrição discursiva, 3) a sua condição de referente social e, finalmente, 4) o seu caráter polêmico. É preciso sinalizar que esses quatro princípios parecem funcionar de modo heterogêneo e independente um do outro, portanto, para fins de análise, trabalhamos com dois dos apresentados: o referente social e o que está ligado ao uso do objeto polêmico.

O primeiro princípio da fórmula discursiva é o de referente social, definido pela pesquisadora como “um signo que significa alguma coisa para todos em um momento dado” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 53). Já o segundo princípio seria aquele que está conectado ao objeto polêmico, nas palavras da autora: “é porque se põe como dominante que ela não é aceita por todos, é porque se impõe que faz tanto barulho” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 56).

As fórmulas funcionam como um conjunto de expressões sintéticas, pequenos enunciados, provérbios que abarcam uma série de significações e conexões com outros discursos, o que torna possível trabalharmos, de forma modesta, com a semântica; portanto, analisar o grau de significação de sentenças e sintagmas, que podem resultar em diversos possíveis efeitos de sentidos, inclusive no que tange à constituição da imagem do enunciador, ou seja, o *ethos* discursivo.

As fórmulas discursivas também permitem ser entendidas pelo seu grau de polemicidade, por serem constantemente alvos de disputas políticas, elas carregam em sua gênese o uso polêmico e conflituoso. Segundo a autora, o caráter polêmico fica em evidência quando surgem implicações àqueles que a utilizam. Provando, desse modo, que as fórmulas são dialógicas, pois, permitem a interação com outros gêneros de discurso.

## **2 As questões de *ethos* (*ethé*) discursivo(s) e a cena de enunciação**

No texto “A propósito do *ethos*” (2008), mais especificamente no tópico “Fiador”, Maingueneau (2008, p. 17) define o *ethos* para além da eloquência “[...] a noção de *ethos* [...] permite articular corpo e discurso para além de uma oposição empírica entre oral e escrito”, ou seja, ao contrário de reservar a noção de *ethos* para a oralidade, como faz a Retórica proposta por Aristóteles, o autor considera todos os tipos de textos, orais e escritos para abordar as questões relacionadas ao *ethos* discursivo.

Ao apresentar a concepção de ethos discursivo, Maingueneau defende que o destinatário cria a figura de um fiador, detentor de propriedades físicas e psicológicas (ou corporalidade e caráter), possibilitando algumas representações estereotipadas, sejam elas negativas ou positivas:

Esse ethos recobre não só a dimensão verbal, mas também o conjunto de determinações físicas e psíquicas ligados ao “fiador” pelas representações coletivas estereotípicas. Assim, atribui-se a ele um “caráter” e uma “corporalidade”, cujos graus de precisão variam segundo os textos. O “caráter” corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à “corporalidade”, ela está associada a uma compleição física e a uma maneira de vestir-se. Mais além, o ethos implica uma maneira de se mover no espaço social, uma disciplina tácita do corpo apreendida através de um comportamento. O destinatário a identifica apoiando-se num conjunto difuso de representações sociais avaliadas positiva ou negativamente (MAINGUENEAU, 2008, p. 18).

Ou seja, o fiador constitui uma estratégia discursiva para persuadir o destinatário, assumindo, também, uma corporalidade (uma forma para que seja materializado o discurso).

No texto “Retorno crítico à noção de ethos” (2016) o estudioso francês reflete sobre a adesão do leitor a uma “ideia”, que pode ser uma maneira de dizer ou maneira de ser. Esta última afirmação é confirmada por meio da incorporação. O conceito de incorporação vale-se de três registros: 1) “a enunciação confere uma corporalidade ao fiador, ela dá corpo a ele”, 2) “o destinatário incorpora, assimila através da enunciação um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de se relacionar com o mundo” e, finalmente, 3) “essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo da comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso” (MAINGUENEAU, 2016, p. 13).

Objetivando resolver alguns problemas de análise relacionados ao conceito de ethos, Maingueneau (2020) propõe uma reflexão sobre o tema apresentando o ethos em três dimensões mais ou menos destacadas a depender do objeto: a categorial, experiencial e ideológica. Segundo o autor:

- a) A dimensão “categorial” abrange tanto os papéis discursivos quanto os estatutos extradiscursivos. Os primeiros estão ligados à atividade de fala e, portanto, à cena genérica: animador, narrador, pregador... Os segundos podem ser de naturezas muito variadas: pai de família, funcionário, médico, camponês, americano, solteiro, estudante... etc.
- b) A dimensão “experiencial” do ethos recobre as caracterizações sócio-psicológicas estereotípicas: bom senso, agressividade, lentidão, estupidez, originalidade, mansidão...

- c) A dimensão “ideológica” remete a posicionamentos. No campo político: feminista, esquerdista, conservador ou anticlerical...; no campo literário: romântico ou naturalista... etc. (MAINGUENEAU, 2020, p. 25, grifos do autor).

Nesse sentido, é relevante levar em consideração as competências discursiva, enciclopédica e linguística<sup>2</sup> para a compreensão efetiva do discurso. Elas também são necessárias para compreender a constituição do ethos discursivo, uma vez que o ethos é construído pelo destinatário. Nesse caso, Maingueneau notifica:

[...] antes de atribuir um ethos ao locutor, devemos passar o enunciado por um primeiro filtro, de natureza metadiscursiva, que consiste em fazer um diagnóstico de suas competências linguageiras. Além disso, as transgressões da norma podem ser interpretadas pelo destinatário de formas muito variadas: uma língua estrangeira mal dominada, uma falta de competência comunicativa (a da escrita ou do gênero de discurso), um estado de saúde que faz o locutor perder suas capacidades (ou seus meios). (MAINGUENEAU, 2016, p. 326)

Para explicar, de forma breve, algumas implicações que dialogam com o ethos, recorreremos a Maingueneau (2015, p. 117) que define o gênero de discurso como um “dispositivo de comunicação sócio-historicamente definido”.

Para a produção do discurso, é preciso considerar, segundo Maingueneau (2015), três cenas: cena englobante, cena genérica e cenografia (utilizada neste artigo como categoria de análise e anteriormente explicada), nas quais são construídos os discursos pelos enunciadador e coenunciador. A cena englobante refere-se ao tipo de discurso; tudo circula em alguma esfera discursiva e engloba uma rede de gêneros; às vezes, o mesmo gênero se encaixa em cenas englobantes distintas, como a publicação de um discurso originalmente político em uma antologia de histórias.

A cena genérica relaciona-se ao gênero de discurso e suscita expectativas, como: a) sua finalidade/função; b) os papéis que são mobilizados pelos parceiros, com direitos e deveres; c) um lugar apropriado para o seu sucesso; d) um espaço e tempo específicos, a periodicidade e singularidade das enunciações, duração previsível e o prazo de validade; e) o suporte que materializa o gênero que consiste no meio de transmissão ou arquivamento; f) uma composição (os elementos que o constituem); e g) recursos linguísticos (estilos linguísticos específicos, como o profissional ou o social).

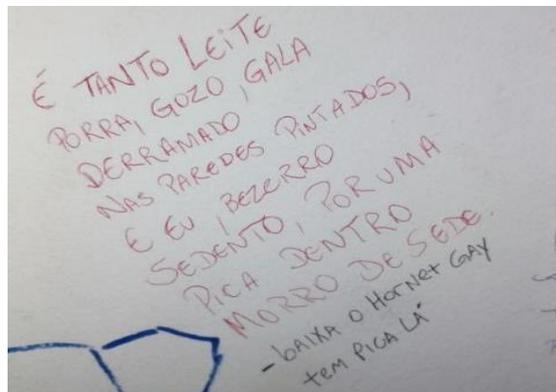
---

<sup>2</sup> De acordo com Morato (2008, p. 57), “a competência se deixaria observar nos processos linguístico-enunciativos desenvolvidos na interação, nos recursos multimodais da significação (verbal e não-verbal), nas ações reflexivas que os sujeitos desenvolvem, indicam e exibem de forma interativa”.

### 3 Da teoria à prática: a análise do corpus

Alguns enunciados pornográficos carregam em sua gênese a finalidade pornográfica, que implica na intenção pornográfica possível pelo coenunciador, como mencionado por Maingueneau (2010). Os casos em que o coenunciador interage com a enunciação anteriormente produzida são fadados à produção, ainda que de maneira voluntária, de diálogos e interações parecidos com chats de aplicativos de mensagens instantâneas, como podemos observar na Figura 1:

Figura 1 – Enunciado pornográfico



Fonte: arquivo pessoal. 28 dez. 2019. Fotografia.

Reproduzimos o texto, respeitando a distribuição topográfica original das frases:

É TANTO LEITE  
PORRA, GOZO, GALA  
DERRAMADO  
NAS PAREDES PINTADOS,  
E EU, BEZERRO  
SEMENTO, POR UMA  
PICA DENTRO  
MORRO DE SEDE.

Resposta do interlocutor ao enunciador:

— baixa o Hornet GAY Tem Pica Lá

É preciso deixar em evidência algumas observações em relação aos enunciados: estes foram fotografados em um dos banheiros masculinos e produzidos em uma das paredes internas do boxe do banheiro. A hipótese principal, em uma primeira leitura, é que o produtor do primeiro exemplo (em vermelho) seja um sujeito que se relaciona com pessoas do mesmo sexo, confirmada a partir da referência ao aplicativo Hornet<sup>3</sup>.

O primeiro enunciado em análise foi escrito com uma caneta esferográfica de cor vermelha, enquanto o segundo de caneta esferográfica preta. Esta informação é fundamental para a distinção entre eles, ofertando margem para especificar que as tintas usadas, além de trabalhar com a multimodalidade, evidenciam a mudança de enunciadador e autoria. A partir deste momento, caracterizaremos os enunciadadores de acordo com as suas produções pornográficas. Será o primeiro enunciadador aquele quem produziu o exemplo 1 (em cor vermelha) e o segundo enunciadador aquele quem produziu o enunciado 2 (em cor preta).

O registro em evidência traz à tona algumas expressões de relações sexuais que são exclusivas do ato sexual e de cunho íntimo, mas que foram registradas na parede do banheiro. O primeiro enunciado é escrito em um estilo autoral literário, que em muito se assemelha a um poema, embora com algumas “rimas pobres”<sup>4</sup>. Segundo Norma Goldstein (2005, p. 5), inversamente ao que ocorre com os textos comuns, ao analisar um texto literário é preciso considerar que em sua gênese efetiva-se a “seleção e a combinação de palavras [...] por um parentesco sonoro”, sendo possível, portanto, empregar mais de um sentido ao discurso literário: “Daí a plussignificação do texto literário”.

Nesse sentido, observamos alguns efeitos de sentido a partir de figuras de efeito sonoro (GOLDSTEIN, 2005, p. 50-52): “tanto/leite”, “gozo/gala”, “derramado/pintados” e “sedento/dentro” apresentam a aliteração, por repetir as mesmas consoantes (t-t; g-g; d-d e d-n-t), objetiva-se com este recurso linguístico intensificar ambiguidades sexuais, reproduzindo inúmeras vezes o mesmo sentido por meio do som em que se lê. A assonância está presente no poema, como constatamos nos seguintes versos:

---

<sup>3</sup> O *Hornet* é um aplicativo de relacionamento criado em 2011 e com mais de 25 milhões de usuários em todo o mundo. O aplicativo é destinado, principalmente, ao público LGBTQIA+; nele, é possível conhecer outros usuários do aplicativo que estão próximos. Muito comum entre indivíduos que objetivam relacionar-se sexualmente sem qualquer vínculo matrimonial ou compromisso afetivo. O aplicativo possibilita a interação simultânea por meio de mensagens de texto e mídias fotográficas.

<sup>4</sup> Por definição, as palavras que possuem semelhança de sons que se acoplam são catalogadas como rimas totais (PIGNATARI, 2005). As demais rimas, portanto, obedecem ao mesmo critério, subdividindo-se entre palavras da mesma classe gramatical (pobres) ou de classes gramaticais diferentes (ricas).

É TANTO LEITE  
PORRA, GOZO, GALA  
DERRAMADO  
NAS PAREDES PINTADOS,  
E EU, BEZERRO  
SEMENTO, POR UMA  
PICA DENTRO  
MORRO DE SEDE.

Seja na forma oral (A, E, EI, EU, I, O,), seja na forma nasal (AN, EM, IN), as vogais são predominantes na medida em que os versos apresentam o movimento do ato de gozar, este por sua vez é intensificado ao longo da produção.

Para Maingueneau (2010), os textos pornográficos permitem uma fuga momentânea, muitas vezes, para um universo paralelo, e objetivam fazer nascer no leitor participante, ativo, um profundo desejo de satisfação, prazer e sensação de liberdade. São por esses fatores que consideramos o grafite pornográfico integrante da paraliteratura. O autor francês atenta para a seriedade com que deve ser tratada a pornografia, visto que ela tem seus fortes impactos em despertar no leitor ativo e atuante fortes sentimentos sensoriais, suscitando o riso, o prazer e o gozo: “em vez de buscar suscitar o riso, que constitui um prazer substitutivo do gozo sexual, o texto pornográfico pretende desencadear diretamente uma excitação sexual. E isso tende a torná-lo radicalmente sério” (MAINGUENEAU, 2010, p. 30).

A representação do ato de ejacular e, mais especificamente, o esperma são representados pelos seguintes substantivos: “leite”, “porra”, “gozo” e “gala”. É possível estabelecer uma relação entre discurso pornográfico e variação linguística, quando constatamos que “gala” e “porra”, por exemplo, são termos pornográficos utilizados frequentemente na região Nordeste do Brasil para também se referir ao esperma; conseqüentemente “leite” e “gozo” são mais recorrentes nas regiões Sudeste e Sul do território nacional com a mesma finalidade.

O animal “bezerro” (filhote recém-nascido de uma vaca) é suscitado pelo autor com o objetivo de complementar o “leite” anteriormente citado, uma vez que um bezerro estaria faminto e seu alimento é originariamente o leite; mas em termos sexuais, o discurso do enunciador deixa explícito um de seus atos íntimos ou fetiches que seria ingerir esperma durante o ato sexual: “morro de sede”.

O enunciado estimula um diálogo, uma vez que se demonstra estar desesperado por sexo. Portanto, o leitor – ou coenunciador – o responde, transformando o que seria um pedido/desejo monologal em um diálogo.

“— baixa o Hornet GAY Tem Pica Lá”

Por meio do travessão utilizado, a cor da caneta esferográfica preta e o estilo de letra que compõem a segunda produção, é possível afirmar que essas características são de outro sujeito e que, portanto, este interage como um conselheiro para o primeiro. O leitor, e agora também coenunciador, sugere ao primeiro autor que faça o *download* de um aplicativo de relacionamento destinado ao público LGBTQIA+, o *Hornet*, muito comum entre indivíduos que desejam praticar sexo sem compromisso de relacionamento (apesar de alguns usuários apresentarem-se como um casal que possui um “relacionamento aberto”). Ademais, expressa concordância com o que foi dito e, além disso, apresenta o *ethos* de conselheiro ao indicar os meios e as mídias adequados(as) para que seja realizada essa ou aquela ação comunicada pelo enunciadador.

A fórmula discursiva está presente no enunciado, na medida em como o enunciadador estabelece a construção do grafito e, conseqüentemente, permite a apreensão de um enunciadador do gênero masculino (além da fotografia ter sido tirada no banheiro masculino):

E EU, BEZERRO  
SEDETO, POR UMA  
PICA DENTRO  
MORRO DE SEDE.”

“Pica” carrega o significado de pênis e todos os substantivos estão escritos no gênero masculino.

A modalidade cenográfica dos dois exemplos é a *exógena*, levando em consideração que a situação de enunciação construída permite que haja uma interlocução, um diálogo. Além disso, o espaço privado tem como sua maior característica: o sigilo. Ambos enunciados pornográficos são categorizados, de acordo com Maingueneau (2015), pelo gênero *instituído do tipo 4*, logo, um gênero autoral que não carrega marcas de autoria, não obedece à norma padrão; é informal e enquadra-se na etiqueta de *conselho*. A cenografia é um dos elementos responsáveis por permitir duas vertentes na constituição de *ethos discursivo*, de um sujeito debochado e/ou deslegitimador, é o que veremos mais adiante.

Como resultado da interlocução produzida pelos enunciados, é admissível criar várias imagens de ambos enunciadore. Em primeiro lugar é possível identificar os *ethé* de *desesperado*, *ansioso* e *agitado*. O primeiro enunciador se posiciona como um interlocutor totalmente excitado por uma nova relação sexual, na qual seja possível estabelecer a realização dos fetiches descritos: “SEMENTO POR UMA/PICA DENTRO”.

O leitor que interage com o primeiro sujeito é munido de *compreensão* e *benevolência*, resolve posicionar-se de uma maneira amigável e conselheira, fornecendo dicas de como esse enunciador poderá estar saciando seus desejos; mais uma vez o *ethos* de *conselheiro* é colocado à mostra por meio desta análise. Entretanto, o enunciatário ao expressar seu conselho não utiliza o vocativo adequadamente, de acordo com a norma padrão, produzindo um novo e revés efeito de sentido à sua resposta. Além disso, ele (o enunciatário) emprega o verbo *baixar* no imperativo, o que permite o efeito de sentido de dar uma ordem a alguém. O ideal, portanto, seria: “— **Baixe** o Hornet, GAY. Tem **pica lá!**”. O enunciado fornece subsídios para concluir que a leitura da construção dos *ethé* seja, também, *ambíguo*, uma vez que o segundo enunciador (evidenciado pela cor de caneta preta) demonstra-se ao mesmo tempo *antagonista* à possibilidade do primeiro enunciador (apresentado pelo enunciado em cor vermelha) relacionar-se e satisfazer-se sexualmente.

### Palavras finais

Objetivamos suscitar no campo acadêmico e na sociedade algumas reflexões a respeito do discurso pornográfico. Sobretudo, evidenciamos, a partir dos resultados desta pesquisa, os principais elementos multimodais e de construção de *ethos* (ou *ethé*) discursivo(s), assim como os possíveis efeitos de sentidos de dois exemplos de enunciados pornográficos da EFLCH/UNIFESP, *campus* Guarulhos.

Com a fundamentação teórica que alicerça esta pesquisa foi possível colocar em prática a análise de um exemplo de grafito pornográfico por meio das seguintes categorias de análise elencadas: a multimodalidade (DIONISIO, 2014), a cenografia (MAINGUENEAU, 2015) e as fórmulas discursivas (KRIEG-PLANQUE, 2010). Com esses elementos, constatamos diferentes *ethé* discursivos (MAINGUENEAU, 2020). A partir das análises, confirmaram-se as hipóteses descritas na introdução deste artigo (*Primeiras palavras*).

Norteamos nossas considerações a partir dos seguintes objetivos: o objetivo geral foi verificar as apresentações dos diferentes efeitos de sentidos possíveis a partir de um exemplo de grafito pornográfico; já o objetivo específico consistiu em

identificar a constituição de *ethé* discursivos (MAINGUENEAU, 2020) dos sujeitos enunciadores, tanto os do produtor do grafito como os do coenunciador.

A constatação dos resultados permitiu as seguintes depreensões: se por um lado o coenunciador leva à construção de um *ethos* de sujeito discursivo benevolente e compreensivo, por outro lado, os recursos multimodais, semânticos e sintáticos possibilitam a constatação de um *ethos* discursivo de um sujeito debochado, possibilitando a construção, inclusive, de *ethos* cuja imagem volta-se para ambiguidade. Logo, o tom em que se lê a resposta do coenunciador muda, e, o que antes era um conselho, torna-se um discurso deslegitimador, de um enunciador cujo o deboche é evidenciado ao delimitar o quê e onde o primeiro enunciador deve exercitar seu prazer sexual. O discurso emitido pelo segundo enunciador constata a produção do efeito de sentido de antagonismo à satisfação sexual do primeiro enunciador.

## Referências

- BARBOSA, Gustavo. **Grafitos de banheiro**. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- DIONISIO, Angela Paiva. Multimodalidade, Convenções Visuais e leitura. In: DIONISIO, Angela Paiva; VASCONCELOS, Leila Janot de; SOUZA, Maria Medianeira de (org.). **Multimodalidades e leituras: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais**. Recife: Pipa Comunicação, 2014. p. 42.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Tradução: Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.
- GOLDSTEIN, Norma. **Versos, Sons, Ritmos**. 13.ed. São Paulo: Ática, 2005.
- KRIEG-PLANQUE, Alice. **A noção de “fórmula” em análise do discurso: quadro teórico e metodológico**. Tradução: Sírio Possenti e Luciana Salgado. São Paulo: Parábola, 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.
- MAINGUENEAU, Dominique. Retorno crítico sobre o *ethos*. In: BARONAS, Roberto Leiser; MESTI, Paula Camila; CARREON, Renata de Oliveira (org.). **Análise do discurso: entorno da problemática do ethos, do político e de discursos constituintes**. Campinas: Pontes, 2016. p. 13-33.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.
- MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (org.). **Ethos Discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.

MORAES, Eliane Robert (org.). **Antologia da poesia erótica brasileira**. Cotia: Ateliê Editorial, 2015.

MORATO, Edwiges Maria. Da noção de competência no campo da Linguística. In: SIGNORINI, Inês (org.). **Situar a língua(gem)**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 39-66.

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (org.). **Fórmulas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011.

PIGNATARI, Décio. **O que é comunicação poética**. 8.ed. Cotia. Ateliê Editorial, 2005.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Petrópolis: Edições Loyola, 2010.